

# O CANTO DO ACADEMICO

Semanario academico-litterario

**ASSIGNATURA**

Braga : mez 100 rs.; trimestre, 300 rs.  
Provincias : trim., 330 rs.

Pagamento adiantado

Publica-se ás segundas-feiras

**Braga, 1 de Maio de 1893**

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**

Rua de Santa Margarida  
N.º 66

## Philosophia positiva

(Continuado do numero anterior)

(Ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. M. A. da Silva Ramos)

Desde que, porém, a Astronomia entrou no seu periodo deductivo, desde que a Chimica se separou da alchimica, desde que a Physica veio mostrar novas forças ao serviço do homem, desde que se constituiu scientificamente a Biologia— tornou-se inevitavel o conflito entre a autoridade espiritual das explicações theologicas e a verificação experimental da sciencia; e as fatuas concepções theologicas da origem divina das cousas com todo o supernaturalismo cahiram por terra.

Mas, eliminado o sobrenatural nos destinos humanos e destruida pela base a synthese theologica e metaphisica, preciso se tornava que o espirito se orientasse no meio da anarchia da consciencia sobre a evolução da humanidade, isto é, que se formasse uma synthese integral para substituir a crença religiosa, para accordar a politica com a civilisação e para apontar á inspiração artistica e á actividade geral do homem o rumo do seu destino.

Esta syntese integral foi pela primeira vez esboçada por Augusto Comte, e, como é sabido, assenta em duas concepções fundamentais:— a lei dos tres estados e a classificação hierarchica dos conhecimentos humanos.

O esboço d'esta synthese do estado de positividade da consciencia moderna tem sido atacado pelos theologos e metaphisicos, mas improficuamente; porque é um facto incontestavel que a doutrina positiva se tem affirmado nos espiritos, e a eliminação do sobre-

natural nos destinos humanos vae entrando no senso commum.

E' verdade que a synthematisação de Comte não deve julgar-se inalteravel nem definitiva, mas antes, mercê do progresso rápido das sciencias, se torna necessario reconstruir a synthese das nossas concepções em intervallos muito proximos.

O Positivismo, como diz Stuart Mill, é a propriedade geral do seculo, posto que esteja ainda longe de ser universalmente accete mesmo entre os espiritos especulativos. A Philosophia positiva não é uma recente invenção de Augusto Comte, mas uma simples adhesão ás tradições dos grandes espiritos scientificos cujas descobertas fizeram da raça humana o que ella é. Comte nunca apresentou a sua doutrina sobre um outro aspecto, mas pela maneira como elle a tratou, tornou-a sua. E o snr. Theophilo Braga acrescenta: estas profundas raizes historicas da mentalidade positiva que vem desde Aristoteles até aos Arabes, d'estes a Galileu, a Bacon, a Descartes, Newton, Hume e Kant, é que tornam a systematisação de Comte verdadeiramente inabanavel.

Lastima é que o nosso ensino official continue a ser ministrado segundo a rotina dos processos theologicos e metaphisicos!...

Coimbra, 16 de abril de 1893.

Manoel da Silva Mendes.

## H's aldeãs

Raparigas gentis da minha terra  
Que ides cantando ao longo d'essa estrada,  
Como é franca essa alegria que se encerra  
Em vossos peitos cheios d'alvorada!

Esses cantos mais doces que o luar,  
Que as emanações dos trigaeos maduros,  
Fazem-me mais tristezas do que o mar  
Batendo, á noite, nas ruinas dos muros...

Eu, que ainda estou em plena juventude,  
Ah! queria ter a vossa alegria  
E um peito forte e rico de saude,  
Como esse, que embebeis em harmonia!...

S. Julião do Calendario, 23—4—93.

M. Gonçalves Cerejeira.

## Belarmino Augusto Fernandes

Foi tal a nossa consternação ao sabermos da partida para sempre d'este nosso querido e distinctissimo collega, que não podemos deixar de escrever estas linhas.

Pareceu-nos entreter, d'alguma sorte, com isto a saudade que nos deixa e a dôr que nos causa.

Como é grande a nossa saudade!...  
Como é grande a nossa dôr ao pensarmos no que elle era e ao pensarmos que nos deixou para sempre!...

Estas linhas vão tarjadas de lucto; mas mais luctuosa ainda está a nossa alma. Estas linhas teem palavras e lettras; porém os nossos olhos teem so lagrimas, o nosso coração só dôr e toda a nossa alma só pranto!...

Como era grande e bella, alegre e expansiva a alma de Belarmino Augusto Fernandes.

Como era honrado e impolluto o seu caracter!

Ah! Mas não abramos o livro da sua curta vida, porque as nossas mãos talvez o manchem!

Não demos a ler as manifestações do seu genio e as fulgurações do seu talento!

Compungidos como estamos com a sua partida, digamos-lhe o ultimo adeus sobre a sua campa; resemos uma fervorosa oração pela sua alma e tenhamos sempre presente a sua lembrança e a sua amisade, deixando que os Anjos se encarreguem de lhe cantar hymnos e collocar corôas sobre o tumulo!

PEQUENOS CONTOS

III

Amor filial

Havia um pae que tinha um só filho. Nascera este menino, nos leitões mais preciosos, cercado d'ouro e sedas, dez mezes depois d'um dia de verdadeira festa para uma villa inteira e de verdadeira felicidade para dois noivos que se juntavam e a quem todos prognosticavam o mais ridente futuro, attendendo não só á riqueza que possuíam, mas também ás virtudes de que eram dotados e ao amor que desde muito os unia.

Que lindo e alegre foi aquelle dia na villa de\*\*\*!...

Não houve pobre que tivesse fome; não houve rapaz nem rapariga que não comesse amendôas e cantasse cantigas.

Os primeiros mezes, depois da união d'estas duas almas decorreram-lhes misturados de intimo prazer e penosa ansiedade. De penosa ansiedade, sim; porque esperavam em breve o fructo de muitos beijos e muito amor... Esperavam este menino, que nascera exactamente dez mezes depois do dia do casamento. Um dia (tinha o menino dois annos), uma terrivel doença se apodea de sua mãe e pouco depois expira, dando os ultimos beijos em seu querido filho, no seu queridissimo Manuêzinho e o ultimo adeus ao seu amado Belmiro!...

Que dia de lucto aquelle para a villa! Não houve olhos que não chorassem e labios que não pedissem a Deus:

Foi pois só o pae e o filho. O filho sendo a luz dos olhos do pae e o pae sendo toda a adoração do filho.

Um dia passeavam elles, á margem d'um rio, por uma das ultimas tardes d'outono, conversando sobre Julia, constante saudade do pae e pouca lembrança do menino, porque quando ella morreu ainda não sabia o que perdia. Só se lembrava, apesar de muito menino, que houvera uma mulher que lhe dava muitos beijos e o trazia sempre em seus braços. Era a mamã.

E o pae, dirige-se um dia para o filho, e diz-lhe:

—Meu filho, tu tens doze annos, d'aqui a poucos mais poderás ser feliz n'esta casa. Eu não posso. A imagem de tua mãe está na minha imaginação de noite e de dia. Só constantemente a rezar por ella é que eu posso viver. Vou para o convento de \*\*\*

Meu querido pae, diz o filho, sinto-me offendido por me dizer que posso ser feliz sem a sua companhia. Para onde meu pae fór irei eu. Rezaremos ambos por minha mãe.

Dias depois, excepto um pequeno enxoval, dividiam a sua grande fortuna pelos pobres e internavam-se no convento de \*\*\*.

Braga, abril, 93.

Augusto Candido.

TRES BEIJOS

Em teus labios vermelhos e ardentes,  
Eu depuz, ó creoula, um beijo terno;  
E teus olhos pretos, languescentes  
Refulgiam como os fogos do Inferno.

Depois, a teu seio opalino e arfante,  
Encostei a fronte miúba, esbraseada,  
E n'esse contacto mago, estonteante  
Beije tremulo tua pelle assetinada.

E por fim, a teus pés, e semi-louco  
Eu caí, desprendido dos teus laços,  
E beije-os, soffrego, achando pouco  
O tempo que passára nos teus braços!...

Braga—28—Abril—93.

C. da S.

CHRONICA

Não ha jornal n'esta cidade que não tenha fallado d'aquillo que nos vamos occupar, da inauguração do Club Commercial; todavia parece-nos que ainda não está dicto tudo. E por isso vimos, nós também n'esta humilde chronica, dizer alguma coisa.

Não dizer tudo, porque isso levaria muito tempo e muito espaço; dizer só alguma coisa e penhoradissimos agradecer á digna direcção o convite que nos enviou.

Todos se têm occupado mais da conferencia do que da *soirée*; nós será o contrario. E isto, não porque gostassemos mais d'esta do que d'aquella ou porque os illustres conferentes não mereçam os mais rasgados elogios. Não. E' simplesmente porque d'esta se tem fallado menos.

Não diremos também quaes as senhoras que abrilhantaram aquella festa, offuscando com o brilho dos seus olhos a luz das velas que illuminavam aquelles salões, onde de quando em quando appareciam grandes bandejas carregadas de fino doce e barrigudas garrafas cheias de esplendido vinho. Não.

Isto já está dito e redito por palavras quasi sacramentaes que os jornalistas têm para estas occasiões:

*«Dançou-se animadamente até ás tantas horas da madrugada. Serviço abundante, magnifico e muito variado.»*

Nós procuraremos fazer, no niénor numero possível de palavras, um pequeno, imperfeito e incorrecto esboço d'aquillo que alli observamos e ainda agora nos lembra.

Em dois vastos salões, cujas paredes, bordallianamente semeadas de flores, e leques, e heras, e lenços frangidos, nos fazem lembrar uma praia semeada de beijinhos e perolas, movem-se oitenta damas quasi todas vestidas de branco e côr de rosa; quasi todas mostrando a brancura dos seus colos e fazendo tremor, com o anhelar de seu coração uma rosa que lhes pendia do peito...

Com estas, ora ao lado, conversan-

do não sei em quê, porque era muito baixinho, ora *vis-a-vis*, trocando olhares penetrantes, movem-se outros tantos cavalheiros quasi todos de luvas brancas; quasi todos de bigodes frisados...

Aqui dizemos quasi todos porque também lá viamos uma tonsura. Que grande maganão este da tonsura!...

Para a orchestra. Sentam-se quasi todos os pares, agitando as damas os seus lindissimos leques. Só se não sentam aquelles que se não cançam porque são muito novos e querem andar sós para que ninguem os ouça. Immediatamente apparecem creados, cortesmente vestidos, a servir finissimo doce e amabilissimos cavalheiros, servindo magnifico vinho que torna mais scintillantes os olhos e mais alegres os espiritos.

Como é encantador ver um buile d'aquelles no momento em que todos estão comendo, de calice na mão!

Como é engraçado vêr aquelles olhares, fitando-se uns nos outros para ver quem come mais distinctamente, com a bocca mais pequenina!

Como é captivante o rir familiar de todos aquelles labios! Como são lindas aquellas horas da vida!...

\*

Depois uma waisa, uma polka, uma quadrilha, onde se diz: *grand chène, dames au milieu, changer de dames.*

Que lindo é *changer de dames*!...

Tornam-se a sentar, um pouco fatigados, sobre as cadeiras que bordam os grandes salões. As damas, mais formosas e os cavalheiros, mais alegres porque lá vem o *serviço*.

E assim, até que o sol bate ridente nas janellas do edificio.

Vejam se por aqui podem fazer ideia do que se passou n'aquella noite no Club Commercial.

As bodas de Caná

(Imit. de V. Hugo)

Jesus o Homem—Deus, o Deus omnipotente  
Que n'um «fiat» o mundo, o ceu fez apparcer,  
Elle tudo encheu d'amor... e com seu poder,  
Pra todos fez milagres de valor ingente.

Em Caná, tornou Elle o seu poder patente,  
Fazendo a pura agua em vinho converter,  
E de pasmo a Galiléa fez emmudecer  
Librando coxos, cegos, resurgindo gente!

A's bodas de Caná Elle em tudo bem quisto  
Foi com Maria sua mãe e mãe de amor;  
Veio a faltar vinho: e oh! caso nunca visto!

Manda logo encher d'agua as talhas o Senhor  
E a nympha d'estas aguas mal avistou Christo...  
Sua pudica fronte tingiu se de rubor!

F. D.

**PERFILISANDO**

**Manuel d'Oliveira.** — Em quasi todos os numeros do nosso jornal vae uma crystallina idealisação, um sonho vago, romantico, cheio de bellezas, sonhado pelo seu genio a despontar e nascido na sua intelligencia em flôr. E' um soneto de M. d'Oliveira.

Por isso já os nossos leitores podem conhecer muito bem a alma e o perfil moral d'este dignissimo academico.

Physicamente, é alto, direito, de rosto moreno, olhando sempre, atravez das suas lunetas, para o azul do céu e para os pôres do sol.

**Augusto Passos.** — D'este deve-se dizer em primeiro lugar que é um dos mais applicados mais modestos e mais intelligentes academicos do lyceu.

Tem escripto algumas coisas que lhe justificam um espirito scintillante e um recto criterio.

Todos teem n'elle um apreciavel amigo e um collega distincto.

Se com isto offendemos a sua modestia que nos desculpe o nosso querido amigo; parece-nos não ter offendido a justiça, dizendo isto a seu respeito;

*Eurica de Cartêa.*

**Extase d'amor**

O teu olhar minha amada  
jorrando ondas de luz,  
é um olhar que deslumbra,  
arrebata e seduz.

São uns olhos fascinantes,  
que rivaes não podem ter;  
por causa d'esses teus olhos,  
eu quero soffrer... soffrer...

E' que na luz d'esse olhar  
ô virgem filha do Bem,  
eu julgo estar a vêr,  
um olhar de minha mãe.

*Paixão Bastos.*

**SOMBRAS**

Callida tarde d'Agosto.

As aves, saltitando de ramo em ramo lá vão trinando cantigas alegres com que embalam os jovens fillos.

O rio corre com rumor de branda que inspira a Izabel tristeza e esperanza.

E como não, se foi d'alli que partiu o seu Augusto trez annos antes?

Então com elle partiu a alma de Izabel, que o amava como se ama uma só vez na vida.

E as arvores, que os encobriram du-

rante tantos annos, e que tinham ouvido mil segredos d'aquelles dois peitos, pareciam monotonas; os seus ramos já não brincavam com a aragem fagueira que os beijava.

As aves já não vinham poisar ao pé dos sitios em que elles tantas vezes se sentavam!

Tudo isto fazia chorar Izabel

\*

Um dia a brisa fresca da manhã trouxe nas suas azas o esposo perdido da pobre Izabel.

E então as tristezas dissiparam-se uma a uma como a nuvem, do horizonte limpido, batida pelas lufadas do vento.

Voltaram então á sombra d'aquellas arvores, a recordarem o passado e desde então as arvores já sorriem quando passa a aragem, e as aves vem poisar juncto d'elles...

Braga, 22 de Abril de 1893.

E.

**CONFIDENCIA**

Porque é meiga Izabella,  
que tens o rosto corado?  
Dize, pudica donzella,  
conta isso de bom grado.

—«Estava hoje á janella  
a fallar co'o namorado  
e deu-me um beijo. — Diz ella:  
— Isto não é um peccado?»

Olha; ás vezes por gracejo  
dá-se um beijo á calada  
para matar um desejo.

Eu na minha namorada,  
dou-lhe á despedida um beijo  
e ella não fica corada.

*P. Bastos*

**RECORDAÇÕES DA MOCIDADE**

II

Passando despercebida a infancia e a puericia entramos rapidamente na adolescencia e muito mais nos entristece o passado! Já se não olha para elle sem que se forme um vacuo no coração que vae augmentando á proporção que os annos passam! Já se não contempla sem que um suspiro profundo saia forçosamente do peito suffocado!...

Comtudo n'esta idade ainda não é tão triste a recordação, como ao deante: porque, começando agora o embate das paixões, as scintillações do genio, o faiscar da intelligencia, o despertar do amor, é attenuada algum tanto essa recordação. Mas em vão. Essas scintillações do genio, que maravilham os condiscipulos, não nos deixam

senão tristezas; esse faiscar niten-te da intelligencia que nos reputa talentos, deixa-nos só desolantes saudades; esse despertar d'amor que nos embala ao som mavioso das ternuras d'um idyllio e nos phantasia castellos que o tempo desmorona e nos faz sonhar só venturas e felicidades, se nos parecem bens, se recendem como flôres, mais tarde são objecto de tristeza, de desconsolo, suspiros e ais!

Mas não é preciso chegar a edade madura para se sentir o que foi a infancia e o que é a virilidade.

N'esta edade mesmo conhecemos a differença, porque com o desabrochar do amor vêem seguindo-o as paixões, pois que o amor é a principal paixão de que as outras derivam, ou as paixões são o mesmo amor, manifestando-se por differentes modos.

Temos pois, de soffrer o escarpello do odio a um objecto que nasce do amor que se consagra a outros; temos a hilariante alegria que é o amor do bem que se possui; somos cobertos pelo funerio véo da tristeza que é o amor que geme por ter perdido o bem; temos o desejo ardente que é o amor do bem que se não possui, temos a fagueira esperanza que é o mesmo amor que se lisongeia de poder possuir o bem; temos o desespero que é o amor que está afflicto, porque não pode possuir o bem; (e aqui quantas consequencias tristes!) possuímos a auidia que é o amor que despreza as difficuldades para possuir o bem; finalmente, possuímos a ira que é o amor que se accende contra o mal que nos ameaça.

E com esta guerra sem treguas, com este apertado assedio, poder-se-ha achar paz segura, tranquillidade permanente? Não é preferivel a placidez, o encanto, a alegria da infancia? Não será mais feliz aquella edade em que o sorriso da innocencia brinca nos labios de cada um, e desafia essa amoravel creatura, a quem damos o doce nome de mãe, a diluir em beijos, em nossas faces purpurinas, o materno amor, e, dobrando-se ante o nosso pranto infantil, se magoa afflicta, inconsolavel e d'uma maneira dulcissima cantando nos arrola, e cantando nos adormece em seu tepido regaço e de mansinho, sem bulicio, com mil cuidados, extatica no seu filhinho, se ajoelha e o deita no pequenino berço e, despedindo-o com um osculo o deixa dormir o somno dos annos?...

Alguem dirá que a edade, em que comecam as paixões, é a edade aurea da vida, a quadra mais feliz, a mais matizada de odorife-

ras flores. Tambem concordo; mas melhor, sem duvida, é a da meninice.

Não quero dizer com isto que esta, a mocidade, não deixe nenhuma saudade; pelo contrario, deixa muitas, porque ás d'esta se ajuntam as da infancia.

Depois esta idade dura menos, os annos fogem com mais velocidade e vamos crescendo e robustecendo-nos até á idade madura. E agora que saudade tão pungente do passado e que recordação tão triste da mocidade!

Aqui como que descansamos. Depois olhamos para o que passou, e, como as saudades são muitas e agudissimas, demoramo-nos pouco e fugimos precipites até que, de improviso, no mais rapido da carreira, quasi a chegar á meta, vem trepido o espectro negro e resequido da morte arrebatando-nos nas suas aduncas garras para as solidades d'um cemiterio, onde só se ouve o lugubre pio do mocho, musica de tristes, e o gemer do vento nos cyprestes se casa com o silencio profundo dos tumulos, até que vem o esqueleto mirrado e horrendo da parça implacavel arrastar-nos desapidadamente para o estreito espaço d'uma cova, humida e fria.

E o sino, que ainda hontem retinia em som festivo, no nosso dia do baptisado, hoje dobra Augusto e funebre ao despedir saudoso, ao adeus derradeiro, nas vas-cas terriveis da morte.

Brrga 27-4-93.

A. J. Serimonias.

A \*\*\*

Adormecida, ó flôr, vêr-te eu quizera,  
Sonhando as coisas mais esplendorosas,  
N'um somno perfumado como as rosas,  
Tendo no rosto um ar de primavera...

Vêr-te sorrir co'uma expressão sincera,  
Como as creancinhas loiras e mimosas  
Rindo, em sonhos, p'ra as suas mães piedo-sas  
No bergo da innocencia e da chimera...

E depois... pelos teus labios de rosa  
Repletos de doçura maviosa  
Ouvir meu nome humilde pronunciado...

Ah! não sei que faria, doido, então...  
Mas ir-te-lia beijar... na convicção  
De que por tí, formosa, eu era amado!...

S. Julião do Calendario; 31 de março de 1893.

M. Gonçalves Cerejeira.

—\*\*\*—

A RIR

—Um dia certo juiz, de sinistra memoria, pegando em uma regua,

apontou com ella para um personagem de semblante patibular, que se achava assentado no banco dos reus, ao mesmo tempo que dizia, dirigindo-se ao auditorio:

—A extremidade d'esta regua designa-vos um grande criminoso, um homem sem dignidade e sem consciencia.

—A qual das extremidades da regua se refere, snr. juiz? perguntou o accusado sem pestanejar.

Em um baile campestre.

Um estudante folgazão dirige-se a uma dengosa costureira, toda cheia de fitinhas e lacinhos, e convida-a para uma contradança.

—O senhor esqueceu-se de trazer luvas, responde desdenhosamente a rapariga.

—Não faz mal, replicou o estudante continuando a estender a mão á escrupulosa fidalguinha; tenho por costume ir lavar as mãos no fim de cada contradança.

—\*\*\*—  
IDYLIO MATRIZIRO

Oh! como é bello despertar na aldeia  
N'uma manhã esplendida d'abril,  
Quando morre o clarão da lua cheia  
E regorjeiam passaros aos mil!...

Porém era mais bello, ó flor gentil,  
Vêr-te fitar, quando a luz mal clareia,  
A estrella d'alva em pleno céu d'auil,  
Da janella que o larajjal froudeia...

E eu—segundo Garret em Santarem—  
Contemplar tua face de cecém  
N'um extasi d'amor, que se renova...

Ah! quem me dera então ser rouxinol  
P'ra ir cantar, do pôr ao nascer do sol  
Em frente á janellinha d'essa alcôva!...

S. Julião do Calendario, 1 d'abril de 1893.

M. Gonçalves Cerejeira.

Foram decifradores do logrogrifho do numero anterior os snrs:

Antonio Manoel Villares, Samuel Cruz, Manoel José de Sousa Morato, Joaquim Machado da Silva e Avelino da Costa e Sá.

Do enygma:

Antonio Manoel Villares, Manoel José de Sousa Morato, Avelino da Costa e Sá.

Das charadas novissimas:

Manoel José de Sousa Morato, Anselmo Pereira Bahia e Antonio da Costa e Sá.

Das mathematicas:

Antonio Manoel Villares e Manoel José de Sousa Morato.

—\*\*\*—  
Decifrações

Do logrogrifho

Ramalho Ortigão.

Das perguntas innocentes

Villa Nova de Mii Fontes — Torres Novas.

—\*\*\*—  
Do enygma

Danubio—Guadiana

—\*\*\*—  
Das charadas novissimao

Ratoeira—Barcarola—Remo

—\*\*\*—  
Da pergunta enygmatica

B

—\*\*\*—  
Das charadas mathematicas

Crina—Vinho

—\*\*\*—  
Charadas mathematicas

Cidade — p + b = cidade.

Ilha — e + i = peixe.

—\*\*\*—  
LOGOGRIFHO

(Por letras)

(Ao meu amigo Arnaldo Mendes)

Na phisica—5—4—2—1—2.

Na chimica—3—2—7—8.

Na zoologia—2—3—4—6—5.

Na botanica—1—2—6—8.

E' da ultima

Premio: a «Alacria»

Eugenio Teixeira.

—\*\*\*—  
Charadas novissimas

Estê adverbio é verbo e peccado mortal, e foi imperador romano—1—1—2.

Este verbo faz gemer e por fim mata—2—1.

Em certa ilha ha um verbo que é animal—2—1.

Animal que não vê é jogo—2—2.

Na China este deus é nome d'um animal—1—1—1.

E' extenso na China e do exercito—1—1.

Este animal na musica é archipelago—3—1.

BRAGA

Imprensa do Collegio de S. Luiz

O editor responsavel

Manoel Antonio de Paiva